

LALESCA AGUIAR CAVALCANTE

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA: ANÁLISE INICIAL DO LIVRO
DIDÁTICO DO PROFESSOR PARA O 5º ANO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

ARAGUAÍNA

2017

LALESCA AGUIAR CAVALCANTE

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA: ANÁLISE INICIAL DO LIVRO
DIDÁTICO DO PROFESSOR PARA O 5º ANO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em
Letras apresentada à Universidade Federal do Tocantins,
no campus de Araguaína.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Claudia Castiglioni

ARAGUAÍNA – TOCANTINS

2017

Dedico este trabalho a minha amada mãe, por todo incentivo e confiança. Ao meu querido pai, por demonstrar felicidade ao ver-me trilhando esse caminho. Aos meus irmãos, a minha sobrinha e a meu esposo, por imenso carinho e apoio.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus por me manter sempre forte e persistente durante esta caminhada e por não me deixar desistir diante de inúmeras vezes em que achei que não conseguiria.

A minha família, a minha mãe Wilcivânia, a meu pai Luiz Carlos, aos meus irmãos Luiz Filho e Janaína, minha sobrinha Isabela e a meu esposo Wellyngton, por estarem sempre me apoiando, mostrando total confiança em mim, sempre prestativos e incentivando a ir atrás dos meus sonhos. Dessa forma, sem eles nada do que está acontecendo hoje seria possível.

Aos verdadeiros amigos que construí na universidade, os qual quero levá-los por toda vida, pois sempre acreditaram em mim e torceram para que o melhor me acontecesse.

À professora Dr. Ana Claudia, por toda sabedoria e paciência, pelos momentos de serenidade e por transmitir confiança, pelas correções e incentivo colaborando para o desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indiretamente para a realização deste trabalho e com toda minha formação acadêmica.

A educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas. Pessoas
mudam o mundo.

(Paulo Freire)

RESUMO: Nesta pesquisa qualitativa documental, analisamos a abordagem da variação linguística nos livros didáticos, ou seja, procuramos saber como é o tratamento a este fenômeno linguístico, considerando esse material utilizado na escola. Para realização desta pesquisa, iniciamos a leitura de textos teóricos referentes aos temas a serem discutidos no decorrer do trabalho. Para efetuarmos a análise, conseguimos alguns livros didáticos emprestados do ensino fundamental pelo professor da Escola Estadual na qual realizamos estágio supervisionado, dentre todos os livros recolhidos o que demonstrou abordar o nosso objeto de estudo foi o do 5º ano, o mesmo possibilitou melhor aprimoramento sobre o tema e nos proporcionou observar se o tratamento a esta unidade léxica (variação linguística) é superficial, existente ou até mesmo inexistente. Por meio deste estudo, procuramos investigar e problematizar se os livros didáticos abordam o tema variação linguística e como é exposto, uma vez que esta é fator importante para o ensino em sala de aula, já que propicia melhor reconhecimento e apreciação da língua. Discutimos a respeito da desvalorização da variação linguística, sendo que mediante a esta podem ser despertados diversos aspectos socioculturais. Tal análise objetiva compreender a proposta do livro didático do 5º ano quando apresenta a variação linguística, sendo, por meio dos textos, atividades, para que por meio disto possamos apresentar possibilidades de aperfeiçoamento teórico ou prático no meio educacional, além do mais, buscamos enfatizar a valorização dessas unidades léxicas.

PALAVRAS-CHAVES: Livro didático; Escola; Variação linguística.

ABSTRACT: In this qualitative-documentary research we will analyze the approach of linguistic variation in textbooks, that is, we intend to know how is the treatment of this linguistic phenomenon through this material used in schools. For the accomplishment of this research we began to read theoretical texts referring to the themes to be discussed in the course of the work. To carry out the analysis we got some textbooks of elementary education borrowed from the teacher of the State School that I was intern, among all the books collected, what demonstrated approach our object of study was the 5th grade, it enabled a better improvement on the subject and allowed us to observe whether the treatment of this lexical unit (linguistic variation) is superficial, existent or even non-existent. Through this study we seek to investigate and problematize whether textbooks deal with the topic of linguistic variation and how it is exposed, since it is an important factor for teaching in the classroom, since it provides better recognition and appreciation of the language. We discuss about the devaluation of the linguistic variation, being that through the same can be awakened several sociocultural aspects. This analysis aims to understand the proposal of the textbook of the 5th grade when it presents the linguistic variation, being through the texts, activities, so that through this we can present possibilities of theoretical or practical improvement in the educational environment, moreover, we seek to emphasize the valorization.

KEYWORDS: textbook; school; linguistic variation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
1.1 Sociolinguística.....	12
1.2 Variação linguística	15
1.3 O regionalismo e brasileirismo.....	17
1.4 A variação linguística e o ensino na língua portuguesa.....	20
1.4.1 Uma visão dos Parâmetros Curriculares Nacionais no ensino de Língua Portuguesa.....	22
1.5 O livro didático.....	24
2. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	26
3. ANÁLISE DOS DADOS.....	28
3.1 Livro didático do 5º ano.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37
ANEXOS.....	39

INTRODUÇÃO

A variação linguística pode ser definida como um sistema flexível que possibilita diversidades na hora da comunicação proporcionando uma estrutura e uma organização de acordo com as exigências estabelecidas pelo indivíduo na hora da fala. Além disto atribui-se este fenômeno a valores representativos como não só disseminar a identidade sociocultural.

Tratar da variação linguística é conhecer as diferentes formas de comunicação de falantes de um mesmo idioma, bem como a evolução linguística, uma vez que a língua é um sistema que engloba vários tipos de variedades: geográficas, históricas, sociais e situacionais e as variações linguísticas diafásicas, diatópicas, diastráticas e diacrônicas. Dessa forma, observamos o quanto é relevante sabermos o conceito de variação linguística e qual espaço ocupa no meio educacional.

Objetivamos, com este trabalho, verificar como é a abordagem da variação linguística no livro didático de Língua Portuguesa da 5ª série da coleção “Português: linguagens”. Para tanto, nos orientamos pelos seguintes questionamentos: Como é a variação linguística no ensino de Língua Portuguesa? Os livros didáticos contemplam o ensino deste aspecto da língua? Como é o tratamento deste fenômeno no livro didático?

De acordo com a experiência como estagiária, tivemos como hipótese de pesquisa que a abordagem a variação linguística estar mais presente nas escolas de uma forma que faça com que o aluno conheça o falar de sua região, que saiba identificar a marca da oralidade presente no seu meio, ou, até mesmo, identificar onde as expressões são mais presentes. Quando observamos livros didáticos, por exemplo, não encontramos atividades que façam parte do meio regional em que os alunos estão inseridos. Em muitos casos, são apresentadas situações de um outro lugar (estados, países), se os professores não estiverem entendimento e/ou pesquisado o contexto para fazer uma contextualização antes com o aluno, informando do que se trata a aula, provavelmente, não fluirá com tanto sucesso. Assim, é necessário o estudo da variação nas escolas, para que os próprios alunos se aproximem do lugar onde eles são situados para que as aulas sejam proveitosas a ponto de facilitar o entendimento deles.

Nos dicionários de língua geral, a marca de uso indicando regionalismo aparece e isso pode favorecer o aprendizado e a apreciação da língua. Apesar de nossa breve experiência como estagiárias em aulas de Língua Portuguesa, percebemos que há uma certa desvalorização a respeito do fenômeno variação linguística nas escolas, tema de indiscutível importância pois por meio desse estudo, percebemos diversos aspectos socioculturais, como de onde determinada

pessoa é, qual a sua cultura, o porquê do vocabulário utilizado e entre outros aspectos relevantes que o aluno acaba sendo privado de conhecer. Em relação à questão geográfica, Ferraz (2014) pontua que:

(...) embora a definição corrente de **regionalismo** caracterize-o como traço lingüístico pertinente a uma determinada região, no caso da comunidade lingüística do Brasil, o que se constata é a existência de regionalismos comuns a duas ou mais regiões brasileiras. (FERRAZ, 2004, p. 3, grifo no original)

Aceitar a variação linguística na escola significa aceitar também um indivíduo. Por exemplo, alunos que vem de origem rural podem sentir-se discriminados, ao chegar em uma sala de aula em que o seu falar é diferente dos demais alunos. Nesses casos, trabalhar com regionalismo daria liberdade para o aluno se expressar, livremente, sem intervenções de que sua fala é errada ou inadequada tanto pelos colegas de classe como pelos professores, tornando-se assim, uma questão de inclusão social. Silva (2015 p.5) pondera que:

Tendo o pesquisador mapeado os traços lingüísticos que caracterizam uma variedade regional, é possível definir o perfil do estudante falante de tal variedade e, assim, traçar estratégias de ensino que facilitem o processo de aprendizagem. (SILVA, 2015 p. 5)

Nesse sentido, é que o profissional da educação deve conhecer o que caracteriza a variação regional para, a partir disso, planejar suas aulas, de acordo com as necessidades de cada aluno; desse modo, possibilitando um melhor desenvolvimento de aprendizagem. Para melhor aprimoramento, os profissionais devem mostrar interesses nesse foco do trabalho, com o regionalismo para ser implantado como conteúdo programático nas escolas, ou seja, como um conteúdo obrigatório. Só assim a escola passará a valorizar o conhecimento de mundo que o aluno carrega consigo e a trabalhar o certo desconforto exposto de quando o aluno se insere em outro lugar em que não falam da sua maneira acabará, pois perceberão que cada qual carrega em si uma identidade cultural expressa na língua.

Adequar o regionalismo como conteúdo para as aulas nas escolas seria de bastante eficácia, pois abriria para diversas concepções em que se favoreceriam, a escola e a sociedade como um todo em questões sociolingüísticas.

Cada geração aprende um falar diferente, de acordo com o meio em que ele vive, como se estivesse renovando o falar já existente. Antunes (2012) explica que:

O léxico (...) é aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque, surgem novas palavras, mas, também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus

significados ou os mudam de um lugar para outro, de um tempo outro. (ANTUNES 2012, p.29)

Os fatos que a autora pontua abrem a possibilidade de o trabalho com a variação linguística se tornar um exercício interessante, ressaltando que não é só no nível lexical que ocorre variação. Com todas essas informações, seria possível desenvolver as muitas questões linguísticas em sala de aula, como também exercitar o conhecimento de mundo que o indivíduo constrói por meio do seu falar.

Com o aparecimento do estudo do falar local nas escolas, por meio do livro didático, é possível resgatar o que temos de mais rico, a cultura de um povo, uma vez que é preciso que esteja visível, ou melhor, escrito para que não seja esquecido, assim, então, possibilitando a percepção da forte marca de identidade existente nas regiões.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Sociolinguística

O campo da sociolinguística dedica-se às diversas formas de fala de uma sociedade destacando a língua e sociedade como sendo o foco da investigação.

Bortoni-Ricardo (2004), em relação ao trabalho da sociolinguística em sala de aula, enfatiza a importância da valorização do falar do outro, como, por exemplo, às vezes nos deparamo-nos com situações em que alunos pronunciam “pranta e não planta” e, apesar disso, para a autora não se constitui em uma fala errada, mas, sim, diferente. No decorrer dos anos, aprendemos a nos comunicar de diversas formas, de acordo com as nossas necessidades, já que o meio social a que participamos influencia na nossa língua, cada um de nós possui um modo de falar e um modo a ser tratado de acordo com diferença de idade, de sexo etc. Para Bortoni-Ricardo (2004, p. 24) o meio familiar é o melhor lugar para conversar, devido à igualdade na hora da fala, mas, na escola já sentimos um peso maior, o cuidado do que falar e como falar para que não sejamos criticados “É sem dúvida no domínio do lar e da família onde nos sentimos mais à vontade para conversar (...) Já na escola...”

Dessa forma, observamos que a escola restringe um pouco, fazendo com que as pessoas que possuem um falar menos “adequado” ao padrão não sintam vontade de estudar, e, quando decidem comparecer à escola, preferem ficar isolados, ou seja, há uma grande transição, como afirma Bortoni-Ricardo (2004), do domínio do lar para o domínio escolar pois, no lar, onde não é exigido tanta formalidade, usamos muito a oralidade, mas, na escola, onde praticamos a

escrita, é necessário manter uma linguagem mais formal e presenciamos isso tanto em relação ao aluno quanto ao professor.

Em qualquer lugar, deparamo-nos com variações regionais, sendo na igreja, na escola, nas festas etc. e todo modo de falar é um modo de mostrar a identidade de uma sociedade e de um grupo social. Por seu falar, pontuamos que, quando as pessoas que possuem um modo de fala adequado a seu meio e se expressam da maneira como aprenderam, sendo esta aprendizagem provocada pelo pouco tempo de escolaridade ou devido ao modo como o grupo social em que vive fala se for chamada de “erros de português” é um ato preconceituoso.

Percebemos com essas discussões que é muito complexo falar sobre variação da língua, e muito mais difícil é o professor em sala de aula explicar aos alunos a variante adequada para cada situação exigida sem que os deixem constrangidos. Sendo assim, cabe ao educador fazer uma intervenção tranquila, para que o aluno não se envergonhe. Observemos um exemplo citado por Bortoni- Ricardo (2004) em um momento de uso da oralidade:

1. A (aluno/a): - Hoje é vinte e quatro?
2. P (professor /a): - São vinte e cinco.

Nesse evento percebemos o modo delicado de corrigir o aluno, sem que seja algo agressivo, o professor produz um comportamento diferente em relação ao uso de regras não padrões apresentados pelo aluno.

Bortoni Ricardo (2004) enfatiza que os grupos etários (diferença de idade), o gênero (feminino ou masculino), a renda socioeconômica, o grau de escolarização, o mercado de trabalho, todos estes fatores contribuem para as diferenças do repertório linguístico. A nossa língua está sujeita a mudanças o tempo todo, devido ao uso da língua que está na sociedade, que abrange pessoas de diversos lugares e diversos falares. A convivência se torna um dos principais fatores para variarmos nosso modo de falar. Além disso, obtemos uma competência comunicativa que possibilita sabermos o que falar e como falar em determinadas situações e necessidades.

Para enfatizarmos ainda mais o nosso tema em discussão, Molina (2004) expõe o conceito de Sociolinguística:

A sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. (...) (MOLLICA, 2004, p. 9)

Dessa forma, a Sociolinguística tem por interesse estudar a língua em uso na sociedade, desde dos pequenos grupos de falantes aos maiores, já que há diferenças nos componentes linguísticos. Para a Sociolinguística, a variação e a mudança linguística é de suma importância para seus estudos, pois se não houvesse mudanças não teria porque investigar as igualdades linguística de uma sociedade.

A Sociolinguística dispõe de diversos interesses, segundo Mollica (2004, p.10): “contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança constituem temas e investigação na área”. Com isso, observamos a relação entre língua e sociedade como uma sendo fundamental para a existência da outra.

Sendo assim, chamamos a atenção para implicações que podem auxiliar no desenvolvimento do aluno como ser ideológico, crítico e curioso, ajudando a instigar o conhecimento de acordo com seus interesses sociais.:

O léxico enquanto descrição de uma cultura, está no seio mesmo da sociedade, reflete a ideologia dominante, mas, também, as lutas e tendências dessa sociedade. (ARAGÃO, 2013, p.7)

É possível percebermos que, para Aragão (2013), o léxico representa uma sociedade, de modo que fica visível as diferentes formas como cada região renova e luta pela cultura e pela identidade de cada lugar. Cada região estabelece um modo de falar, adequando-se a sua realidade, ou seja, cria uma palavra em cima de outra já existente que possibilita o mesmo sentido e o mesmo valor, só que adequada para ser utilizada no meio em que vive. Para isso não existe faixa etária, são expressões que podem ser utilizadas por qualquer um e cada vez que é usada se torna uma nova palavra.

Apesar de a variação linguística ocorrer mais nitidamente no léxico, como destacamos anteriormente, ressaltamos que também há outras variáveis: lexicais, ortográficas, fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, etc. que estudaremos nos próximos tópicos.

1.2 Variação linguística

Mollica (2004) define a variação como um fenômeno universal que pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. São destacadas as variantes e as variáveis que a Sociolinguística tem que sondar sobre suas questões, estabelecendo resultados sobre as variáveis, se possuem efeito positivo ou negativo.

Em meio à variação linguística, são destacadas as variantes internas e externas, sendo a primeira relacionada aos fatores da língua de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais, e a segunda corresponde ao indivíduo, à etnia e sexo, à escolaridade, ao nível de renda, à profissão. Todos esses fatores estão ligados à sociedade e à língua.

Nas variáveis fonológicas, podem ocorrer distintas efetuações fonéticas diante do mesmo contexto social em uma mesma unicidade fonológica, ou seja, “podem ocorrer, por exemplo, no dialeto carioca: garag[ei] ~ garag[i], p[l]ástico~p[r]ástico (...)” Gomes e Souza (2004, p.74), dessa forma, estabelecem-se uma variável linguística. Lembrando que características dos itens lexicais e itens não linguísticos contribuem para o efeito de uma variável fonética.

Os fatores morfológicos influenciam de alguma maneira nas exibições de variáveis, assim como a sintaxe também, já que ambos estão ligados. No estudo morfológico, observamos que umas das formas de ocorrer manifestações variáveis é quando há concordância de números, como, por exemplo, quando utilizamos palavras no diminutivo e no aumentativo “minha cachorrinha/meu cachorrão” e, quando há forma verbal entre fatores; segundo Omena e Duarte (2004, p. 82), “(...) as formas verbais no infinitivo e nos tempos simples (presente e pretérito) do indicativo, como ilustram os exemplos: (3) Eu comecei a namorá-lo num carnaval, em março. Em julho, ele falou que ia casar comigo. (...)”.

No momento em que falamos em fatores sintáticos, vem-nos à mente os termos de oração (sujeito, objeto direto, objeto indireto, oblíquo, genitivo) e o tipo de oração (adjetiva, subordinada, coordenada), que influenciam na manifestação de uma variável diante das suas funções.

Como vimos até este ponto, existem diversas variações a serem discutidas e trabalhadas, por isso, procuramos especificar onde cada uma atua para melhor desenvolvimento da pesquisa em análise.

Quando falamos em variação linguística, deparamo-nos com os eixos diatópicos, diastrático, diafásico e diacrônico. No eixo diatópico, manifesta-se o regional-geográfico, quando uma forma de nomear algo em uma região é diferente da outra região, no eixo diastrático é levado em conta o grupo social e cultural do indivíduo; a variação diafásica se apresenta, quando o locutor determina o estilo de fala de acordo a situação, ou melhor de acordo com contexto a que está inserido, dessa forma, sendo perceptível uma competência comunicativa do falante, e a variação diacrônica se resume ao tempo, quando algumas palavras, expressões se modificam com o passar dos anos.

Para Mollica (2004), toda língua apresenta variantes mais prestigiadas do que as outras. Com isso, a Sociolinguística possibilita por meio de seus estudos discussões a respeito do

preconceito linguístico referente à discussão sobre o certo ou o errado a ponto de ser considerado em prestígio somente o padrão culto. Vemos, então, que a Sociolinguística possui um papel fundamental na sociedade, pois, além de estudar sobre mudanças, ainda ajuda na valorização das diversidades linguísticas.

Diante as variáveis em estudo, deparamo-nos com as variáveis não-linguísticas que postulam os marcadores regionais que são mais visíveis em comunidades os quais são identificados geograficamente. Mollica (2004) dispõe de algumas questões que são levantadas diante o posicionamento relacionado as variáveis, como: sexo/ gênero, escolaridade, idade e classe social, questões tais:

a) o grau alto de escolarização concorre para um comportamento linguístico ajustado ao padrão culto? b) o gênero feminino é mais conservador do ponto de vista da norma? c) há uma relação entre estigmatização sociolinguística, status e mobilidade social? d) qual o impacto da mídia sobre variação linguística? (MOLLICA, 2004, p. 24)

Com os questionamentos de Mollica (2004), refletimos sobre as mudanças da língua que ocorrem o tempo todo e o quanto as questões sociais e culturais podem ou não influenciar no modo como cada indivíduo faz uso da língua. Todas essas perguntas trazem problematizações enquanto fenômenos de variação.

Acreditamos que todas as variações linguísticas devem ser consideradas, pois, se o indivíduo usa o seu dialeto para se comunicar e consegue transmitir ao ouvinte o que almeja, ele efetivamente realiza uma comunicação com sucesso, usando o seu modo de falar para alcançar o desejado, ou seja, não importa se o uso não estiver adequado à norma padrão. A esse respeito, Silva (2004) pontua que:

O aprimoramento da língua materna em toda a sua amplitude e na sua gama de variação possível e potencial seria assim um instrumento de libertação interior e social, um elemento agregador e não desagregador, como aquele que impõe a norma de um dialeto dominante. (SILVA, 2004, p. 25)

A variação linguística deveria ser o ponto inicial para o estudo da língua materna em sala de aula, pois os alunos poderão conhecer um pouco mais a língua portuguesa, bem como o contexto histórico dessa diversidade. Vale ressaltar que quando a política educacional brasileira tem como foco apenas trabalhar em prol do que é “certo” ou “errado”, acaba por privar o ensino de ir mais além, de constituir uma formação mais ampla, de se adequar a situações novas de fala. É fundamental que a língua materna seja agregada no meio educacional de forma plena, para ser possível a abrangência da diversidade.

Enfim, entendemos que a variação linguística deve ser apresentada nas escolas, para que ela possa ser trabalhada com mais ênfase; não somente, quando é apresentada no livro didático com as falas do Cebolinha ou do Chico Bento da Turma da Mônica em tirinhas e/ou charges que são vistas como “fala errada gramaticalmente”, mas como algo que trabalhe com as falas de diversos lugares, épocas, meio social, estilo, que possibilitam maior percepção da cultura e da sociedade em que o indivíduo faz parte, embora pensamos que não é dado o devido valor e espaço a este assunto.

1.3 Regionalismo e brasileirismo.

O que é regionalismo? Num sentido amplo, de acordo com nossos estudos, regionalismo é toda e qualquer forma de expressar ou um dialeto, tradições e costumes, mas, para alguns especialistas, não é fácil fazer tal definição.

Para que possamos entender sobre este tema, é preciso aprofundarmos o estudo da língua, uma vez que a esta se transforma a todo momento devido às mudanças da própria sociedade. O estudo da língua, sobretudo no ensino básico, é indispensável para nossa formação. A esse respeito, Aragão (2013) explica que:

(...) esse desenvolvimento da Dialetoologia e da Sociolinguística não tem sido bem aplicado no sentido de valorizar as variantes regionais e sociais a nível de escola fundamental, por exemplo, fazendo com que essas variações sejam vistas não como algo exótico, diferente, ou “errado”, em alguns casos, mas como parte do todo que constitui nossa língua. (ARAGÃO, 2013 p. 2)

De acordo com as palavras de Aragão (2013), constantes da citação acima, o estudo científico dos dialetos linguísticos não está sendo trabalhado de uma forma correta nas escolas, sendo que a variação linguística abre para várias inquietações, bem como para a valorização da língua como um todo. Pensamos que as variações são abordadas nos livros didáticos, superficialmente, como uma variação de fala errada ou simplesmente diferente, sendo que cada um possui seu conhecimento de mundo e seu dialeto, de acordo com a comunidade a que está inserido, ou seja, falar diferente da norma padrão é normal e quando discutimos sobre esse ponto nos cabe refletir sobre a inclusão social.

A língua estabelece várias funções, e, por meio dela, é possível nos comunicarmos e também sabermos de qual meio ou grupo social pertencemos, como aponta Aragão (2013):

(...) toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico. ”
(ARAGÃO 2013, p. 6)

Dessa forma, para melhor compreensão do conhecimento de mundo do indivíduo é necessária uma contextualização, para ser perceptível sua origem e sua formação social. O indivíduo é o ponto de partida para a reflexão sobre a língua, já que ele expressa a ideologia dominante de cada sociedade até porque são diversas variações que surgem de acordo com a necessidade de cada lugar.

Aragão (2013) esclarece a diferença do falar regional/popular, apresentando, como primeiro ponto, as marcas das regiões, exemplos: o falar nordestino, o falar gaúcho entre outros e como segundo o falar de um povo em que não concluiu sua escolaridade, ou passou maior parte da sua vida no meio rural.

É pertinente ressaltar que os dicionários de língua portuguesa abarcam os regionalismos. Dessa forma, já podemos notar que o reconhecimento a este fato está sendo modificado e apresentado à sociedade aos poucos, mas enquanto isso a necessidade da presença dos regionalismos em sala de aula permanece.

O falar de um povo certamente colabora para constituir a identidade de uma região, traz características que, mesmo o falante estando fora do país, saberão de onde ele vem ao ouvi-lo falar. Mas esse reconhecimento da língua só ocorrerá se o estudo desse aspecto estiver presente nas escolas de todos os lugares.

Silva (2015) pontua que as escolas não abordam o estudo do regionalismo por enfatizarem a ideia que o falar regional é apenas gíria, ou uma fala errada de que não deve ser estudada ou apresentada pelos profissionais. Para a autora:

Isso se evidencia no modo como alguns desses profissionais classificam certas variantes estigmatizadas: “diferente”, “não quer dizer que é errada”, “apenas inadequada” – o que deixa entrever o predomínio de um tom valorativo (com o cuidado de ser politicamente correto) no modo como descrevem tais variantes. (SILVA,2015 p.1)

Por esses e outros motivos que o falar local não é tão valorizado, dificultando, assim, a oportunidade de conhecimento do aluno sobre esse fato, dado que é, por meio da escola, que o aluno se familiariza com a língua e pode passar a valorizar mais o lugar onde vive.

Quando falamos do trabalho com o regionalismo, devemos lembrar da diferença em relação ao brasileirismo, pois o primeiro se situa no falar de uma determinada região, já o segundo é o falar geral, um falar que é reproduzido em todo o país

Reportamo-nos a Celso Cunha (1987, p. 53) para explicar quais os grupos de classificações dos brasileirismos, sendo eles divididas em:

- (a) tupinismos;
- (b) africanismos;
- (c) vozes ameríndias e hispano-americanas;
- (d) formação e derivações brasileiras;
- (e) brasileirismos quanto à significação;
- (f) arcaísmos.

O *tupinismos* se originou no Brasil a partir da colonização portuguesa; os *africanismos* configuram-se como sendo os vocábulos utilizados pelos escravos em nosso país; em *vozes ameríndias e hispano-americanas*, existem influências de outras línguas indígenas não tupi, além das sentenças derivadas de línguas americanas não brasileiras e os espanholismos americanos em *formação e derivações brasileiras* se firma a criação de novas palavras, que estabelecem novos sentidos com formação diferente da de Portugal; na classe *brasileirismos quanto à significação*, valoriza-se um significado novo para o vocábulo e, finalizando, são considerados também brasileirismos os *arcaísmos* por estabeleceram os modelos linguísticos, que ainda se mantêm vivos, trazidos pelos colonizadores.

Diante de todos esses critérios, é perceptível a dificuldade de vários estudiosos em estabelecer uma definição ao termo brasileirismo, uma vez que este expõe vários caminhos para uma explicação.

Fazemos uso dos brasileirismos sem percebermos. Um exemplo disso é citado por Oliveira (1998 p.113): a palavra *bagaceira* que, em Portugal, é renomado como aguardente, dessa forma, sendo apontando como um brasileirismo de um uso geral por conta dos termos a serem utilizados tanto no Brasil como em Portugal, com apenas uma única distinção que é o modo como as bebidas são produzidas.

Pontuamos também de acordo com o Oliveira (1998), que o brasileirismo gírio que, por sua vez, dá-se quando mencionamos uma palavra que traz sentido metafórico, ou que possui semelhanças com outros termos. Quando nos deparamos com palavras que são utilizadas somente no português europeu e não no Brasil, não são considerados brasileirismos, ou seja, só é considerado se acaso for tipicamente novidade do nosso país.

Portanto, para melhor compreensão da língua e sua cultura é indispensável o estudo dos termos brasileirismos e regionalismos, pois, apesar de ambos estarem interligados, e muitos pensarem que possuem o mesmo sentido, são distintos e representam um estudo diferenciado sobre a diversidade linguística.

1.4 A variação linguística e o ensino na língua portuguesa

O estudo da variação linguística no ensino de língua portuguesa, se aproveitado de uma forma adequada, pode abranger diversos aspectos, que auxiliam no desenvolvimento do aluno que já possui um modo de falar e possibilita melhor aprimoramento da norma padrão. Além do mais, permite que o aluno esbanje suas competências linguísticas fortalecidas no meio em que vive, como Silva (2004) destaca:

Qualquer indivíduo normal que entre na escola para ser alfabetizado em sua língua materna já é senhor de sua língua, na modalidade oral própria a sua comunidade de fala. Admitindo esse princípio, qualquer trabalho de ensino de língua materna constitui em um processo de enriquecimento de potencial linguístico do falante nativo, não se perdendo de vista a multiplicidade de comunidade de fala que compõe o universo de qualquer língua natural (...) (SILVA,2004, p.27)

Com a possibilidade de aceitação da língua do outro, o ensino poderá ser cada vez mais eficaz referente ao conhecer de cada falante, com descarte ao preconceito linguístico que, por muitas vezes, acontece com frequência não somente no meio educacional como também em outros. A língua é um processo/ trabalho constante, que permite continuidade, estando aberto a diversos novos fenômenos.

No ensino de Língua Portuguesa, é questionado como trabalhar com a diversidade linguística, ou seja, como desenvolver a competência de cada aluno sendo que cada um carrega consigo a cultura da comunidade no qual vive. Daí podemos pensar que, por isso, muitos dos alunos ainda possuem dificuldades em escrever de forma adequada, na norma padrão. Em grande parte do Brasil, deparamo-nos com diversidades linguísticas e mesmo assim a língua dos falantes não é levada em consideração na escola. É como se fosse um modo diferente que o falante utiliza para comunicar-se, como afirma Silva (2004):

Em outras palavras e de maneira direta, a escola tradicionalmente – e poderíamos dizer que é o processo mais fácil de ser aplicado – faz *tabula rasa* do saber linguístico diferenciado que os indivíduos possuem, em nome de levá-los ao padrão culto idealizado, o que só alcançam, havendo exceções, claro, alguns daqueles que já vêm das camadas socioculturais em que esse

padrão é a base da comunicação cotidiana, apenas com diferenças próprias aos registros de formalidade. (SILVA,2004, p.29)

A língua falada por cada indivíduo deve ser desenvolvida, ou seja, em vez de impor o que é “certo” ou “errado”, a escola deveria aproveitar o conhecimento prévio que o indivíduo dispõe, para aprender novos usos do que ele já possui. Quando falamos em ensino, devemos ressaltar que cada processo de aprendizagem varia de professor para professor, aluno para aluno, região para região e o primeiro ponto a ser esclarecido é que o português não é uma língua difícil, pois já que uma grande parte acredita e repassa isso. Para que o aluno aprenda e entenda todo esse processo de ensino da língua, o professor deve acompanhar para saber das dificuldades de cada um.

Há uma preocupação em relação ao ensino de língua, pelo fato de muitos destacarem somente a gramática tradicional que se constitui em conceitos de regras, ou melhor dizendo, receitas para um modo de expressão, esquecendo de enfatizar e discutir as questões que englobam a variação linguística, prestigiando a norma padrão. Nos livros didáticos que apresentam situações relacionadas à variação linguística, cabe ao professor instigar os alunos a buscarem conhecer um pouco mais de cada cultura exposta, pois é um assunto que abre para várias questões, como, por exemplo, mostrar que um só termo pode ser proferido de diversas maneiras e não esquecendo de ressaltar que a diferença linguística é influenciada pela região na qual se está inserido, e que não existe forma certa de falar, mas, sim, formas adequadas para cada situação, Silva (2004) explica:

Está implícito, portanto, o poder do indivíduo, sujeito da fala, de decidir sobre a seleção que fará nas diversificadas situações comunicativas e existências que lhe surjam no percurso da vida. (SILVA, 2004, p.34)

Essas explicações ajudam aos alunos a reconhecerem o poder da língua em uso. A língua escrita exige mais do indivíduo, visto que deve ser estudada, compreendida e praticada e para que possam escrever bem, tem que ter conhecimento das várias competências de comunicação. O estudante deve sentir-se motivado ao estudo do ensino da Língua portuguesa, para excitar-se em conhecer mais novidades sobre a língua e suas variáveis e, para isso, o professor deve estar preparado para essa formação de conhecedores da língua. Esse processo pode ajudar os alunos no desenvolvimento de diversas atividades que lhes são exigidas.

Ao discutirmos sobre variação linguística e o ensino de Língua Portuguesa cabe-nos analisar como os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) abordam esse ensino, assunto que trataremos no tópico a seguir.

1.4.1 Uma visão dos Parâmetros Curriculares Nacionais no ensino de Língua Portuguesa

Os PCN foram criados pelo MEC, com objetivo de colaborar com as escolas no processo de preparação do plano curricular, além de ter o intuito de auxiliar os professores no processo de ensino e de aprendizagem.

Os PCN abordam questões e sugestões para professores de como atuar em sala de aula, além de conciliar o ensino com o mundo efetivo, apresentando métodos que façam do aluno um ser conhecedor e preparado ao mundo. Os PCN abordam temas em que todas as disciplinas são convocadas, como meio ambiente, para efetuar o dever constitucional da formação da cidadania. Dessa forma, trata de levar as escolas à realidade para que os alunos possam se atualizar e acompanhar as transformações constantes do mundo.

As propostas para o ensino de Língua portuguesa, trazem maior atenção à cultura e à identidade do aluno, e cabe ao professor apresentar novas formas de culturas que estejam fora do meio social em que o educando vive para que ele possa ter mais conhecimentos instrutivos. Os PCN destacam a importância de valorização da cultura, bem como o respeito das diferenças linguísticas.

Na seleção de conteúdos para o ensino de Língua Portuguesa os PCN mostram-se preocupados no desenvolvimento das competências e das habilidades dos alunos, assim como também propõe aos professores observar a realidade social de cada aluno que comparece à escola, já que para a melhor aprendizagem é fundamental considerar o conhecimento de mundo de cada indivíduo.

Segundo os PCN para que ocorra melhoria no ensino da Língua Portuguesa, é necessário que o professor seja o mediador das competências dos alunos, a escola deve ser um lugar onde o aluno possa expressar suas formas de pensar, que não seja apenas um ouvinte, ou seja, espera-se que possa haver um diálogo entre professor e aluno, para, que assim, ambos aguçarem seus conhecimentos. É necessário que os alunos aprendam sobre a língua, bem como o processo de transformação contínuo, em que pode variar dependendo da situação comunicativa, da região, da faixa etária, do meio social, entre outros, além do mais salientar que para cada situação, variamos o modo de fala.

Os PCN sugerem que o professor leve em consideração toda a “bagagem” do aluno, as características próprias que carrega do meio social no qual faz parte, deve fazer com que ele saiba a forma adequada para se expressar nas diversas situações.

Em meio aos estudos de Língua Portuguesa os PCN (p.72) destacam alguns pontos para que haja desenvolvimento da competência interativa:

- Os sujeitos que participam do processo de ensino e aprendizagem devem ter consciência de que qualquer língua, entre elas a portuguesa, comporta um grande número de variedades linguísticas, que devem ser respeitadas.
- Tais variedades são mais ou menos adequadas a determinadas situações comunicativas, nas quais se levam em consideração os interlocutores, suas intenções, o espaço, o tempo.
- Quando se considera a pluralidade de discursos proporcionados por essas variedades, nas modalidades oral e escrita, torna-se pertinente o questionamento de rótulos como certo e errado.
- Cabe à escola propiciar que o aluno participe de diversas situações de discurso, na fala ou na escrita, para que tenha oportunidade de avaliar a adequação das variedades linguísticas às circunstâncias comunicativas.
- A norma culta, considerada com uma das variedades de maior prestígio quando se trata de avaliar a competência interativa dos usuários de uma língua, deve ter lugar garantido na escola, mas não pode ser a única privilegiada no processo de conhecimento linguístico proporcionado ao aluno.

Dessa forma, se esses fatores forem seguidos, corretamente, teremos um ensino de variação linguística riquíssimo, uma vez que os alunos irão desenvolver suas competências, conhecerão recursos linguísticos, saberão que não existe “certo” ou “errado”, mas, sim, uma forma adequada para a fala, de acordo com cada situação, espaço; e um dos mais pertinentes pontos, vão passar a valorizar as variações linguísticas existentes no ensino de Língua Portuguesa.

Em relação às atividades avaliativas, os PCN destacam que é fundamental levar em consideração as habilidades dos educandos, o professor deve deixar de lado o ensino tradicional, em que avalia apenas o que é “certo” ou “errado”, ou seja, deve avaliar os ganhos e as aprendizagens que os alunos obtiveram em relação ao conteúdo, dessa forma a avaliação considera todo o processo de ensino.

Enfim, a variação linguística no ensino de Língua Portuguesa tem papel fundamental nas escolas, pois, por meio deste estudo, podemos englobar vários aspectos que podem fazer dos alunos cada vez mais cidadãos críticos e conhecedores da língua. Fazemos uso da Língua Portuguesa e muitos não sabem suas variedades e o porquê que ocorre. E, quando se trabalha

a língua, o aluno passa a desenvolver diversos domínios tanto da língua oral como da língua escrita, já que também ambas caminham juntas.

Seguimos nossa fundamentação teórica com a abordagem sobre a criação e a existência do livro didático, destacando a atenção dada a este material pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

1.5 O livro didático

De acordo com o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o importante programa responsável pela distribuição dos livros nas escolas da rede pública do Brasil, o livro didático como conhecemos até hoje, como o material para ensinamento adotado pela escola tendo que se adequar aos programas curriculares escolares, foi legislado pela primeira vez em 1938, por meio do [Decreto-Lei nº 1.006, de 30/12/38](#) e, para que houvesse um controle, esse mesmo decreto criou a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD). Essa comissão teve e tem a responsabilidade de analisar os livros podendo intervir ou não ao uso nas escolas.

Em 1966, houve um acordo entre o Ministério da Educação (MEC) e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (Usaid) que permitiu a criação da Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (Colted), fazendo com que mudassem algumas coordenadas referentes à produção e à entrega dos livros didáticos. Dessa forma havendo um convenio que deu certo e que pôde exercer continuidade. Até porque o COLTED disponibilizou 51 milhões de livro gratuitamente.

Segundo o PNLD, nos anos de 1971, O Instituto Nacional do Livro (INL) passa a desenvolver o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (Plidef), além de assumir os cargos da COLTED, rompendo, assim, o convênio entre MEC/Usaid.

Em 1976, pelo [Decreto nº 77.107, de 4/2/76](#), o livro didático sofre uma reforma politicamente falando, pois, devido à extinção do INL, quem passou a assumir responsabilidade de aplicação do programa do livro didático foi a Fundação Nacional do Material Escolar (Fename). Além do mais, o governo decidiu transferir a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) a missão de administrar o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (Plidef) e este programa deu lugar ao PNLD, estabelecendo algumas modificações, sendo elas¹:

- Indicação do livro didático pelos professores;

¹ As informações estão disponíveis no site <http://www.fnnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>.

- Reutilização do livro, implicando a abolição do livro descartável e o aperfeiçoamento das especificações técnicas para sua produção, visando maior durabilidade e possibilitando a implantação de bancos de livros didáticos;
- Extensão da oferta aos alunos de 1ª e 2ª série das escolas públicas e comunitárias;
- Fim da participação financeira dos estados, passando o controle do processo decisório para a FAE e garantindo o critério de escolha do livro pelos professores.

Diante destas mudanças, notamos que algumas foram desastrosas, pois a distribuição dos livros passou a ser um ato complicado, além de ser perceptível o autoritarismo por parte do governo.

Durante essa pequena apresentação, vale ressaltar que a história do livro didático até um certo período reporta a uma sequência de leis, inícios de atos governamentais que formaram alguns encargos, novas formas de acordos em prol da produção e da distribuição de livros. Contudo, podemos notar, ainda, que essas diversas decisões partiam dos órgãos (CNLD, COLTED, INL, FENAME, FAE), construídos por assessores do governo, sendo que não eram tão familiarizados com o processo educacional, e mais raro ainda serem habilitados para realizar os procedimentos relacionados ao livro didático.

O posicionamento da escola e do professor, o principal interessado desde material, é indispensável nas decisões do âmbito educacional em escolhas dos livros didáticos. Lembrando que não cabe ficar sob responsabilidade somente do professor de escolher os livros didáticos, mas de participar de uma forma ativa na escolha do material a ser utilizado por ele, por ser fundamental a este participar dessa escolha para suas aulas de acordo com seu planejamento pedagógico.

Retornando aos esclarecimentos sobre a história e a política do livro didático, no ano de 2001 o PNLD contemplou as escolas da rede pública com livros didáticos em *braille* para alunos com deficiência visual e também foi entregue dicionários aos alunos com surdez, ilustrado em trilingue - Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa/Língua Inglesa. O PNLD, trabalhou em prol de levar aos alunos do ensino fundamental dicionários, assim, foi se consolidando nos anos seguintes.

Somente, em 2012, o PNLD distribuiu livros didático aos estudantes do ensino médio, especialmente na categoria Educação de Jovens e Adultos (EJA), no qual houve uma mudança nos programas devido ao avanço tecnológico. Ainda neste mesmo ano surgiram novos materiais multimídias, já, para 2015, foi proposto o edital ao acesso ao livro digital, que contém os mesmos conteúdos do livro impresso e quem terá acesso será alunos e professores do ensino

médio da rede pública e isso deve se estender até os dias atuais. Essa proposta é instigante, já que estamos cada vez mais vivendo em um mundo digital.

No próximo capítulo, trataremos da metodologia norteadora da nossa pesquisa.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta investigação objetivou verificação da abordagem da variação linguística no livro didático de Língua Portuguesa do 5º ano do ensino fundamental atribui um método de pesquisa documental. Para melhor explicar, citamos Severino (2007):

No caso da pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos documentais, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir, da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise. (SEVERINO, 2007, p. 122)

Para a elaboração deste trabalho, foram realizadas leituras e considerada a experiência como estudante/estagiária, que ajudaram no desenvolvimento do tema, uma vez que a participação ativa na escola nos possibilitou observar esses aspectos de uma forma mais cautelosa.

No princípio realizamos leituras de textos relativos aos estudos da variação linguística, para que ficasse mais claro o que é, qual o nosso objetivo e o porquê em analisar a presença dessa temática nos livros didáticos. Efetuamos as leituras dos textos teóricos, promovendo fichamentos, resenhas, discussões para melhor compreensão dos objetos em estudo e para fundamentar nossa análise.

Como as leituras estavam em andamento, buscamos o *corpus* da pesquisa: os livros didáticos do ensino fundamental da disciplina de Língua Portuguesa. Esse material foi disponibilizado pelo professor da Escola Paroquial Luiz Augusto, localizada no centro da cidade de Araguaína -TO, unidade escolar a qual realizava estágio supervisionado. Já com o *corpus* em mãos analisamos os textos, atividades e qualquer prática que destacasse o uso da variação linguística e a forma como é tratada, para observarmos como o livro didático atribui esse conteúdo em sala de aula. Desde o projeto até o *corpus* é formado pelos livros didáticos do ensino fundamental, em que excluímos os que não apresentavam nosso objeto de análise e

utilizamos somente um dos que apresentaram a variação linguística, que foi o livro da 5ª série; dessa forma, nos concedendo análise.

O livro didático escolhido possibilitou uma forma de observar o tratamento a essas unidades léxicas a partir das quais percebemos a devida prioridade estabelecida em tal exemplar. Iniciamos as análises observando os textos, uma vez que são utilizados para introduzir o conteúdo e depois partirmos as atividades que são elaboradas para melhor fixação.

Desse modo, o contato por meio de textos de autores que tratam destes assuntos auxiliou no esclarecimento e no desenvolvimento da pesquisa diante a abordagem da variação linguística no livro didático. Todo esse processo de leituras, de estudos e de análises ajudam para melhor evolução do estudo em questão, já que foram realizadas leituras de artigos e de livros em que se tratavam de assuntos relacionados ao tema, além das análises de livros didáticos para exemplificar. Depois da análise do *corpus*, pretendemos apresentar os resultados da pesquisa, bem como a forma como é abordado o estudo da variação linguística, sendo nas atividades ou nos textos expostos.

3. ANÁLISE DE DADOS

Livro didático da 5ª série (1998)

A educação, a escola, professores e alunos contam com um material indispensável utilizado para os estudos em sala de aula e também fora desse âmbito: o livro didático. Este material, para que satisfaça à escola, passa por um processo de avaliação pelo Ministério da Educação (MEC) para daí, então, ser distribuído nas unidades escolares. Independentemente de os professores utilizarem bastante o livro didático, entendemos que ele não deve ser a única base de ensino do educador, deve, sim, servir de auxílio para o desenvolvimento e o aprimoramento dos conteúdos didáticos.

Relevante ressaltar é referente à escolha dos livros didáticos, pois eles são analisados pelo MEC e o que preencher de maneira mais adequada as necessidades das escolas é aceito e distribuído. Dessa forma, mostrando interesse no desenvolvimento e no aprendizado do aluno.

E, para sabermos como um desses conteúdos é abordado, a saber, nosso objeto de estudo a variação linguística, vamos analisar o livro da 5ª série da coleção “Português: linguagens”,

dos autores Willian Roberto Cereja e Thereza Coachar Magalhães (1998). Como explicado na metodologia, o livro foi emprestado por um professor de uma unidade escolar de Araguaína.

O livro é organizado em 4 unidades e dentre cada uma possui 3 capítulos que discorrem sobre “Estudo dos textos”, “Produção do texto”, “Para escrever certo” e a “Língua em foco”. Além disso, chegando ao final de cada capítulo, há o tópico “Divirta-se”, no qual o livro apresenta uma breve atividade de interpretação sobre o que foi lido, supomos que seja para que o aluno possa entender ainda mais o que foi estudado.

Durante esta análise, pontuamos todos os aspectos que envolvem a abordagem da variação linguística no livro didático, em textos, e em atividades, bem como observamos o pouco espaço dado a este fenômeno. Ressaltamos que o livro que estamos analisando é o destinado ao professor. Por esse motivo, são apresentadas sugestões de respostas às questões. Incluiremos essas respostas em nossa análise, uma vez que percebemos serem elas que podem melhor indicar o lugar ocupado pela variação linguística neste livro didático.

Apontamos a importância de se trabalhar com a língua e suas variedades durante o trabalho em sala de aula por meio do LD, pois sabemos que o indivíduo deve conhecer a língua para melhor desenvolver suas capacidades comunicativas e reconhecer melhor as exigências da língua padrão.

O tratamento dado à variação linguística ocorre inicialmente na Unidade 1, do livro, no capítulo 2, “Mensagem recebida, câmbio”; *A língua em foco* inicia com o tópico “As variantes linguísticas” que é conceituada por meio de uma tira de Maurício de Sousa (fig.1), vejamos:

Leia esta tira, de Maurício de Sousa:

CHICO BENTO

TOMA UM LEITE, ZÉ LELÉ?

PRU QUE OCÊ TÁ RASSANDO A MANGA DA CAMISA?

DIZEM QUI TOMÁ LEITE CUM MANGA FAIZ MAR!

(Chico Bento, nº150, p. 34.)

- Nessa tira, Chico Bento conversa com seu amigo Zé Lelé. Observe que eles se comunicam fazendo uso de uma *variante lingüística*, ou seja, um tipo de português falado em certas regiões do país.
 - Onde se fala esse tipo de variante lingüística: na zona rural ou nos centros urbanos? *Ela é falada no interior de alguns Estados, no meio rural.*
 - Apesar disso, os brasileiros em geral são capazes de compreender essa conversa? *Sim, as diferenças não chegam a impedir a compreensão.*
- De acordo com a norma padrão, que aprendemos na escola, como deveríamos escrever as palavras e expressões “pru que”, “ocê”, “tomá”, “faiz mar”? *por que, você, tomar, faz mal*
- A tira é engraçada porque Zé Lelé fez confusão com os sentidos de uma palavra.
 - Qual é essa palavra? *manga*
 - Que sentidos ela possui? *Os mais conhecidos são “fruta” e “parte do vestuário onde se enfia o braço”.*
 - Qual a confusão que Zé Lelé fez? *Segundo a crença popular, é a fruta, acompanhada de leite, que faz mal, e não a peça do vestuário.*

Fig.1.Fonte: (CEREJA; MAGALHÃES, p.29,1998).

A tira representa um diálogo engraçado entre Zé Lelé e Chico Bento, um personagem comumente apresentado, quando o assunto é variação, que ocorre em função da confusão que Zé Lelé fez com o significado da palavra “Manga”. Observamos que a variação escolhida para essa introdução foi a variante diastrática devido aos falantes terem uma fala regional, ou seja, utilizam a variante diante ao grupo social a que pertence, dessa forma expondo sua cultura. Logo, em diante, trazem questões para contextualização da tira e nos deparamos com perguntas e respostas mal elaboradas. Na primeira questão acreditamos que o objetivo era destacar a fala do interior, como sendo o meio rural onde é manifestado essa variante, embora sabemos que a variante linguística utilizada pelos personagens pode ocorrer também no meio urbano, uma vez que este fenômeno é universal. Ainda na primeira questão, é situado o fato da compreensão por parte dos “brasileiros em geral” diante a forma como os personagens conversam.

Interessante aproveitar essa discussão, sair da resposta sucinta apresentada pelo livro e explicar aos alunos que, de certa maneira, as diversas formas linguísticas não dificultam a compreensão, mesmo não fazendo parte da norma padronizada exposta na escola. É nesse sentido que explica Mattos e Silva (2004):

A valorização da diversidade deve ser trabalhada e adequadamente valorizada e o objetivo final a atingir-se será tornar o estudante pluridialeto – no seu

dialeto familiar, no dialeto, do seu grupo social, consciente da variação possível em outros grupos sociais, e senhor também das normas do dialeto socialmente privilegiado. (MATTOS e SILVA, p.76, 2004)

Na segunda questão, em que é proposto aos alunos escreverem as palavras que são consideradas fora da norma padrão, seria relevante que o livro apresentasse métodos para deixar claro que as palavras como: “pru que”, “ocê”, “toma”, “faiz mar” não devem ser consideradas erradas, apenas é um falar que não pertence à norma padrão da língua, pois é possível que os alunos questionem sobre isso, ou até aproveitem da situação, para agir de uma forma preconceituosa referente aos falares de Zé Lelé e Chico Bento. Em relação à variante citada na atividade, é imprescindível salientar que este tipo de uso só pode ser realizado na forma oral da língua. Ao escrever, o aluno precisa saber que deve utilizar “por que”, “você” “tomar”, “faz mal”. Nesse sentido, Fávero, Andrade, Aquino (2005) explicam: “A escrita tem sido vista como de estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto.” (FÁVERO, ANDRADE, AQUINO, 2005, p. 9)

Finalizando a atividade sobre a tirinha, são exibidas perguntas mais interpretativas e de compreensão, que se espera que o professor não se limite apenas ao que está respondido no livro, dado que ele pode usufruir do conhecimento de mundo de cada aluno, pois a palavra “manga” tem diversos sentidos, que podem ser identificados e interpretados com o auxílio da bagagem que o indivíduo carrega consigo, no seu dia a dia, como também exige conhecimento para que compreenda o motivo pela qual resultou a confusão, já que se constitui a partir de um crença popular.

Na página seguinte no tópico “Linguagem e adequação”, o livro didático retrata a variação diafásica. A esse respeito, Lagares e Bagno (2011) pontuam que:

São diversas as tentativas de definir os fatores contextuais relevantes para definir um ato de fala, que constituiriam os reguladores do estilo/registo correspondente. Assim, tem-se assinalado que o estilo/registo depende:

- (1) dos falantes que intervêm na situação comunicativa e de sua mútua relação (grau de familiaridade);
- (2) do cenário da interação (formalidade da ocasião);
- (3) do assunto (funções ou propósito do ato de comunicação) (LAGARES e BAGNO, p.31, 2011)

Diante disso, percebemos que, para cada situação, exercemos uma maneira adequada de comunicação, exercendo nossa competência comunicativa. A variação diafásica, bem como as outras, é importante de ser trabalhada em sala de aula, uma vez que é relevante que todo

indivíduo conheça as variantes as quais fazemos uso muitas vezes sem perceber. Devemos aprender todos os tipos de fala, seja língua padrão, ou popular, para que, quando precisarmos utilizar, sabermos qual a forma mais adequada. Para representar a variação diafásica, o LD dispõe-se de um texto (Fig.2) na página 30:

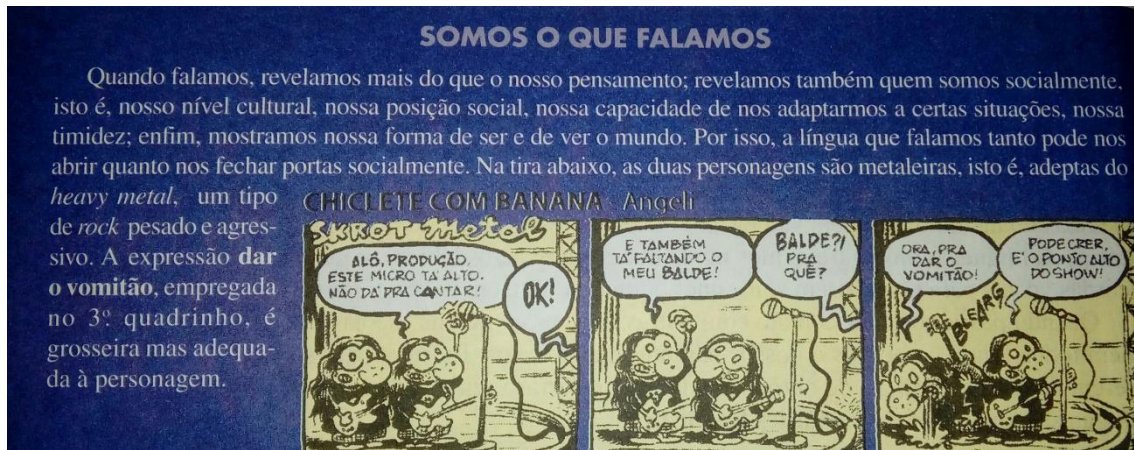


Fig.2. Fonte: (CEREJA; MAGALHÃES p.30, 1998)

O texto *Somos o que falamos*, apresentado pelo livro didático, traz uma visão diante do uso da língua, supomos que o propósito seja esclarecer aos alunos que pela forma como nos expressamos, é possível identificar a qual grupo social pertencemos e entre outros aspectos sociolinguísticos. Para melhor enfatizar a discussão, apresentam-se, a tirinha representada por dois personagens metaleiros, em que um deles utiliza a expressão “dar o vomitão”, e, a partir disso, supõem que os alunos entenderão sobre as formas de fala para cada situação. Explicação que pode render questionamentos, sendo assim percebemos que tudo depende de o professor trazer para discussão o fato de que o que um dos personagens fez pode ser adequado por ser típico dele vomitar em seus *shows*, mas nem em todos os lugares seria conveniente.

No tópico sobre “A língua de uso e suas variantes” nos deparamos com um texto explicativo sobre *língua oral e língua escrita*, contextualização com dois exemplos dessas condições de comunicação nas páginas 31 e 32 (ANEXO I e II) o mesmo esquema acontece com o estudo da *língua formal e língua informal* (texto e atividade).

Sabemos que a língua oral é diferente da língua escrita, uma vez que na primeira situação podemos fazer uso, sem perceber, de expressões em nosso dia a dia, bem como podemos apresentar alguns outros problemas relacionados, a segunda situação que já é mais elaborada, por termos mais tempo, uma vez que quando escrevemos um texto podemos reler, apagar e reescrever antes de ser lido por alguém. Encontra-se exposto nos exemplos um gancho para

frisar a língua em suas diversas funcionalidades, podemos utilizar como exemplo de língua oral, a forma de apresentação de trabalhos, que possivelmente é algo que os alunos conhecem e relação à língua escrita pode exemplificar por meio da guia de apresentação do trabalho que eles possivelmente montam, além de ressaltar o fato da língua oral e da língua escrita estarem sempre interligadas como aponta os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

A preparação e a realização de atividades e projetos que incluam a exposição oral permitem a articulação de conteúdos de língua oral e escrita (escrever o roteiro da fala, falar a partir do roteiro, etc.). Além disso, esse tipo de atividade representa um espaço privilegiado de intersecção entre diferentes áreas do conhecimento, pois são os assuntos estudados nas demais áreas que darão sentido às atividades de exposição oral em seminários. (PCN, p. 40, 1997)

O livro didático aborda sobre outras formas de comunicação que precisamos saber para que possamos determinar qual o modo melhor de expressão para cada situação; estamos introduzindo em relação a língua formal e língua informal, que também segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

As situações de comunicação diferenciam-se conforme o grau de formalidade que exigem. E isso é algo que depende do assunto tratado, da relação entre os interlocutores e da intenção comunicativa. A capacidade de uso da língua oral que as crianças possuem ao ingressar na escola foi adquirida no espaço privado: contextos comunicativos informais, coloquiais, familiares. Ainda que, de certa forma, boa parte dessas situações também tenha lugar no espaço escolar, não se trata de reproduzi-las para ensinar aos alunos o que já sabem. Considerar objeto de ensino escolar a língua que elas já falam requer, portanto, a explicitação do que se deve ensinar e de como fazê-lo. (PCN, p.38, 1997)

O LD dispõe de textos explicativos e exercícios sobre gíria, eixo que faz parte da variação linguística. No texto é representado que diversas pessoas utilizam gírias no seu dia a dia, contudo, é pertinente ser esclarecido que a gíria não pertence somente a um dos eixos existentes na variação linguística, ou seja, pode ser ora diatópica, ora diastrática, ora diafásica e ora diacronia, uma vez que a mesma pode ser utilizada por todos, sendo uma forma de comunicação ampla, que pode ser usada em determinados lugares, como também em estipulada época, ou em determinados contextos sociais (sexo, idade, status etc...). Sendo assim o conteúdo gíria em sala de aula pode gerar discussões proveitosas. Vejamos o exercício que foi proposto para que os alunos apreendessem o conteúdo:

E X E R C Í C I O S

1. O texto abaixo é parte da carta de uma leitora que elogia a matéria publicada sobre gírias numa revista. Leia o texto e, em seguida, reescreva-o, substituindo as gírias por palavras e expressões da norma culta.

É massa!

Dessa vez a *Atrevida* “arreprou”. Foi “da hora” a matéria NA PONTA DA LÍNGUA, com as gírias “maneiras” de todos os lugares. É por isso que me “amarro” cada vez mais nesta revista: descolada, divertida, diferente e “trilegal”.

(Mariana Alves Manso. *Atrevida*, set. 1996, p. 18.)

“arreprou”: caprichou; “da hora”: ótima; “maneiras”: interessantes; “me amarro”: gosto; “descolada”, “trilegal”: muito interessante, muito boa

2. Faça agora o contrário: reescreva as frases abaixo, escritas de acordo com a norma culta, empregando a norma popular. Você poderá usar termos e expressões regionais, populares ou gírias.

a) Fiquei muito emocionado com sua declaração.
 b) Essa moça é lindíssima.
 c) Diga aos nossos companheiros que mais tarde nos encontraremos.
 d) Aquele foi um gol muito especial, feito com muita técnica.

Respostas pessoais. (Professor: O objetivo deste exercício é fazer com que o aluno exerça a transposição de um nível de linguagem para outro; por isso, é normal que surjam, aqui, diferentes respostas, algumas com gírias.)

Fig.1. Fonte: (CEREJA; MAGALHÃES p.34, 1998)

Essa atividade, como podemos ver, apenas, pontua diferença entre gíria e a norma culta, pois na primeira questão é proposto que os alunos substituam as gírias do texto por termos da norma culta e a segunda questão reescrever as frases que estão na norma culta para termos de gírias, neste momento notamos uma prática não muito instigante, pois ao mesmo tempo que o livro didático quer apresentar uma forma de reconhecer esta variante linguística, ele propõe correção. É dado ênfase por meio do texto “É massa!” as diversas formas em que as pessoas utilizam para se expressar de maneira descontraída, e de acordo com o meio utilizado para o anúncio o público alvo se constitui de jovens, porém ressaltamos que as gírias podem ser entendidas e utilizadas por pessoas de todas as idades, além de também ser utilizada como um código por determinados grupos de pessoas.

Por meio do exercício espera-se que o educador explique aos alunos que a gíria é geralmente mais usada na oralidade, mas que também ocorre na escrita principalmente nas redes sociais, lembrando que esse fenômeno deve ser utilizado de forma adequada também, uma vez que pode ser aceita ou não em determinadas situações comunicativas.

Mais à frente na página 34 (ANEXO III) no tópico *a variação linguística: na construção do texto* é apresentada uma letra de música que apresenta variantes linguísticas, e outros aspectos relacionados ao uso da língua, como por exemplo a não concordância verbal. Em relação a isso observamos que a variante linguística presente na música, as palavras como “di” “mode” são representatividade de fala de pessoas que possuem um nível baixo de escolaridade, que não dominam a língua padrão, mas que conseguem comunicar-se, segundo Votre (2004,

p.52) “O modo de comunicação das pessoas desprovidas de prestígio econômico e social tende a ser coletivamente avaliado como estigmatizado”.

Dessa forma notamos a influência do nível de escolaridade na realização de variáveis, que trazem uma marca e uma identidade regional, cultural e social. A não concordância verbal exposta na música no verso “A gente fomos no shopping” indagamos a situação de mudança linguística que pode se referir a idade do falante, uma vez que os jovens utilizam uma forma mais descontraída de comunicação, que foge a norma padrão da língua. A respeito disso, Naro (2004, P 44) explica:

- *seu/dele*: Para se referir ao possessivo da terceira pessoa (*exemplo: o livro dele/o seu livro*), os jovens de 25 anos ou menos estão usando pouquíssimo a forma *seu* para a terceira pessoa, preferindo reservá-lo para a segunda pessoa *nós/a gente*: Os jovens estão evitando a forma *nós* e usando mais a *gente* *ir*: Os jovens estão evitando as regências *ir a* e *ir* para, preferindo *ir em*. (NARO, 2004, p.44)

Na última página do capítulo, 36 (ANEXO IV), o LD aborda no ponto *divirta-se*, diversas gírias que ocorrem em todo o país, variando de região a região, se conceituando em variedade diatópica. Neste momento de “diversão” os alunos conhecem como existem variedades linguísticas, além de frisar que uma variante regional pode ter sentido somente no lugar de onde foi gerada, por exemplo uma variante de São Paulo pode não ter sentido se expressada no Ceará.

A variação linguística como um todo como vimos no LD abre espaço para várias questões, observamos que a língua passa por diversas transformações o tempo todo e somos sujeitos a nos adequar a essas mudanças que nos possibilitam melhor desenvolvimento das nossas competências comunicativas. Dessa forma assim como a sociedade a língua também evolui com auxílio da escola pois:

As pessoas vão adquirindo recursos comunicativos à medida que vão ampliando suas experiências na comunidade onde vivem e passam assumir diferentes papéis sociais. Mas a escola tem uma função muito importante no processo de aquisição desses recursos. As crianças, quando chegam à escola, já sabem falar bem a sua língua materna, isto é, sabem compor sentenças bem formadas e comunicar-se nas diversas situações. Mas ainda não têm uma gama muito ampla de recursos comunicativos que lhes permita realizar tarefas comunicativas complexas em que se exija muita monitoração. É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo –lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas. (BORTONI-RICARDO, p.74, 2004)

Assim, o trabalho com a variação na escola requer um amplo conhecimento por parte dos educadores, eventuais responsáveis por mostrar aos alunos a importância do estudo da língua. Mostramos a importância do estudo em questão, para que seja realizado com mais aprofundamento em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que, apesar dos documentos oficiais (PNLD, PCN) demonstrarem interesse em trabalhar com o estudo da variação linguística, o LD do 5º ano que analisamos não disponibiliza espaço necessário para este aprendizado, sendo concedido apenas um capítulo ao estudo deste fenômeno, dessa forma sendo ainda um assunto problemático.

Acreditamos que nossos objetivos foram alcançados, em razão de observarmos que a variação linguística no ensino de língua portuguesa é um tanto complexa e problemática uma vez que as discussões mais frequentes e perceptíveis em sala de aula é a distinção do que é certo ou errado. Percebemos que o livro do 5º ano aborda a variação linguística, apesar de não ser da forma como deveria. O tratamento a este fenômeno é dado por meio de textos e atividades que servem de exemplos para explicações sobre as variações linguísticas diafásicas, diatópicas, diastráticas.

É perceptível que o livro didático não expõe explicações suficientes sobre o tipo de variável o qual se pretende trabalhar, e outras questões relevantes que opinamos acima, apenas exhibe informações sem maior aprofundamento. Nessa parte notamos a importância de o professor procurar contextualizar o foco em estudo para que seja possível um melhor aproveitamento, reconhecimento e valorização da variação em questão.

O educador tem um papel importante no desenvolvimento das competências dos alunos, já que o exercício do livro didático não possibilita isso, pois se constitui de perguntas e respostas desprovidas, dessa forma limitando a compreensão e o aperfeiçoamento sobre os conteúdos em aprendizado.

A língua é um fenômeno em construção, um processo contínuo e que necessita de um estudo aprofundado, pois envolve todos os falantes. Por vivermos em uma sociedade onde nos deparamos com seres humanos de lugares, épocas, sexos, idades diferentes é imprescindível que haja variação linguística. E por isso é fundamental conheçamos a variação que ocorre em

todos os níveis da língua e o lugar onde principiamos este conhecimento é na escola, com o livro didático.

O que propomos nesta pesquisa não é criticar a circunstância como se desenvolve o ensino, ou o livro o qual analisamos, já que este ainda que de uma forma resumida, aborda sobre o tema. Nosso objetivo é trazer para os estudos em sala de aula o reconhecimento da língua em suas diversas variedades, visto que, é pertinente que todos saibamos e entendemos sobre as variadas normas do país em que vivemos.

Pretendemos dar continuidade a esta pesquisa, uma vez que o livro escolhido para a construção deste trabalho foi do ano de 1998 e, por meio disso pensamos na análise de um livro mais atual para fazermos um processo de comparação, em que discutiremos a abordagem da variação linguística durante estes períodos. Será que este fenômeno passou a ser mais abordado nos livros didáticos? Ou ficou ainda mais problemático? Eis a questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRAZ, Aderlande Pereira. *Formação de palavras no português do Brasil: a questão dos brasileirismos*. (UNI-BH/FEMM), 2004.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. *Brasileirismo e Regionalismo*. São Paulo, 1998.

SILVA, Taís Bopp. *Formando professores que conhecem a variação linguística? Uma análise acerca da importância dos dados e das teorias para o ensino de língua. Are we preparing teachers who know linguistic variation? An analysis on the importance of linguistic data and theory to language teaching*. Letras & Letras | Uberlândia | vol. 31/2 | jul/dez 2015.

ANTUNES, Irandé. *O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Relação língua sociedade e cultura na linguagem popular do Ceará*. 96 Rev. de Letras - NO. 32 - Vol. (1) - jan./jun. – 2013

BORTONI- RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*- São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES. Thereza Cochar. Português: Linguagens. 5ª série. São Paulo: Atual, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio). Orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais. MEC, 2007.

Ministério da Educação. PNLD 2017: língua portuguesa – Ensino fundamental anos finais. Secretária de Educação Básica SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2016.

<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual- São Paulo: Cortez, 2007.

MOLLICA, Cecília Maria; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

CUNHA, Celso. *Que é um brasileiro?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987. 68 p. Coleção DIAGRAMA; nº 18)

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. – Brasília: 144p. 1997.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

FÁVERO, Leonor Lopes. ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira. AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 5. Ed.- São Paulo: Cortez, 2005.

GOMES, Christina Abreu, SOUZA, Cláudia Nívia Roncarati de. Variáveis fonológicas. In MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

OMENA, Nelize Pires de. DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Variáveis morfossintáticas. In MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

LAGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos. *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

ANEXOS

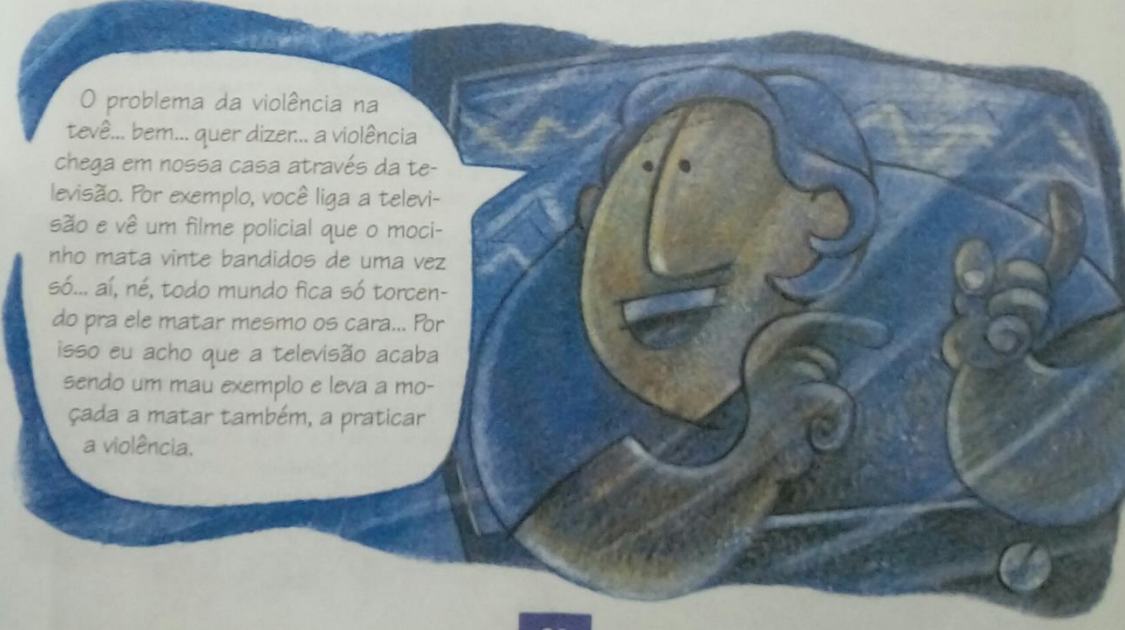
Anexo I

Língua oral e língua escrita

A língua oral (falada) também é diferente da língua escrita. Quando escrevemos, temos condições de escolher bem as palavras, de corrigir o texto e melhorá-lo até transmitir exatamente o que desejamos. Como na fala isso não é possível, ela normalmente apresenta repetições, quebras de seqüência lógica, problemas de concordância e várias expressões de apoio, como **né?**, **tá?**, **entendem?**, etc. Observe a diferença entre estes dois textos: o primeiro é um registro de linguagem oral; o segundo procura passar a mesma informação pela linguagem escrita.

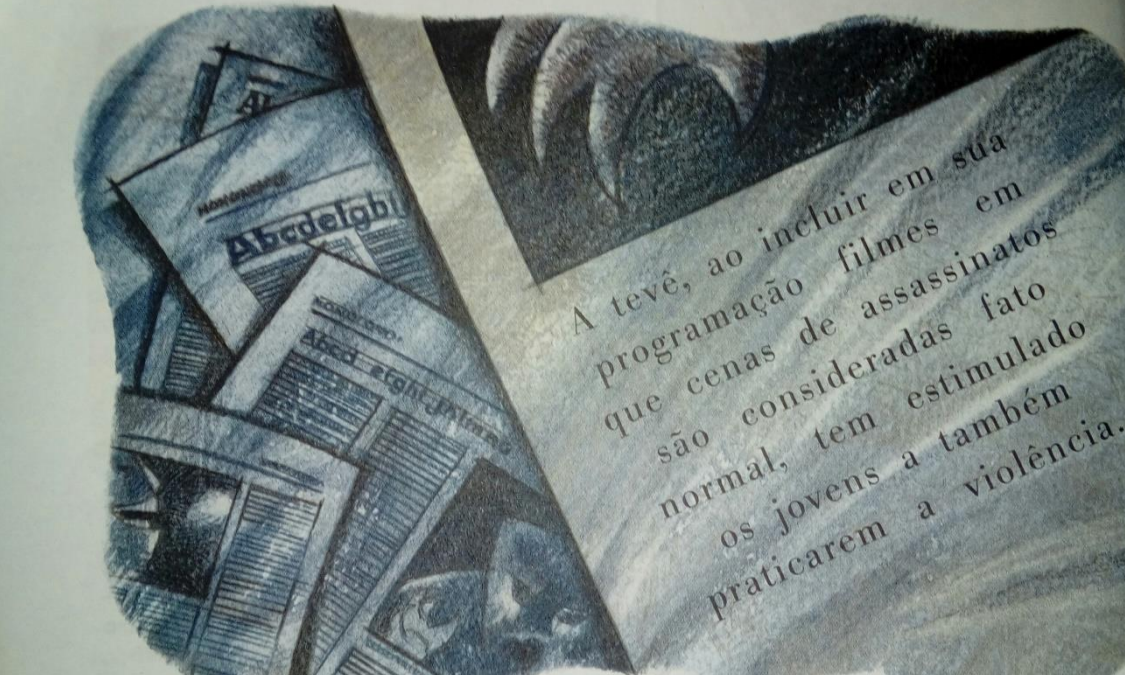
O problema da violência na tevê... bem... quer dizer... a violência chega em nossa casa através da televisão. Por exemplo, você liga a televisão e vê um filme policial que o mocinho mata vinte bandidos de uma vez só... aí, né, todo mundo fica só torcendo pra ele matar mesmo os cara... Por isso eu acho que a televisão acaba sendo um mau exemplo e leva a moçada a matar também, a praticar a violência.

31



Anexo II

A tevê, ao incluir em sua programação filmes em que cenas de assassinatos são consideradas fato normal, tem estimulado os jovens a também praticarem a violência.



Anexo III

Você se lembra desta música do grupo Mamonas Assassinas? Leia o texto:

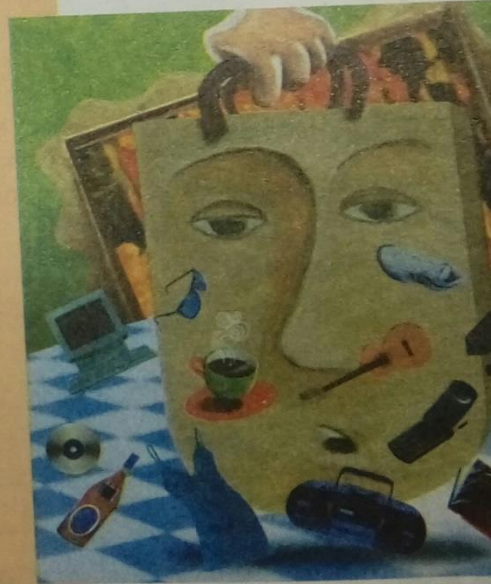
CHOPIS CENTIS

Eu "di" um beijo nela
E chamei pra passear.
A gente fomos no shopping
Pra "mode" a gente lanchar.
Comi uns bicho estranho, com um tal de gergelim.
Até que "tava" gostoso, mas eu prefiro
aipim.

Quanta gente,
Quanta alegria,
A minha felicidade é um crediário nas
Casas Bahia.

Esse tal Chopis Centis é muito legalzinho.
Pra levar a namorada e dar uns
"rolezinho",
Quando eu estou no trabalho,
Não vejo a hora de descer dos andaime.
Pra pegar um cinema, ver Schwarzneger
E também o Van Damme.

(Dinho e Júlio Rasec, encarte CD *Mamonas Assassinas*, 1995.)



Anexo IV

DIVIRTA-SE

Se no seu grupo de amigos, em sua cidade, o número de gírias empregadas é grande, imagine no país inteiro! Apenas por curiosidade, conheça algumas das gírias que "rolam" por aí e divirta-se.



PERNAMBUCO
é rocha: tá certo. Ex.: "Um mais um são dois. É rocha".
explo: fora. Ex.: "Levei um explo do Fábio".
p.n.: porcaria nenhuma. Ex.: "Não entendi p.n. da aula de Matemática".



RIO DE JANEIRO
alemão: inimigo ou estranho.
merreca: pouca quantidade.
mó: abreviação de maior.
ice kiss: menino lindo demais.

PIAUI
cacãim: não. Ex.: "Me dá um beijinho?" "Cacãim".
pevett: andar a pé. Ex.: "Fui de pevett à escola".
vá na fé: expressão de adeus. Ex.: "Tchau, Simone. Vá na fé!".



GOIÁS
vazar (ou *ralear*, *esparramar*): ir embora.
maresia: baixo-astral.

CEARÁ
minhoca: mim. Ex.: "Ele está a fim de minhoca".
só o mi: algo muito legal. Ex.: "Aquele festa foi só o mi".



BAHIA
foi mal: pedindo desculpas.
héuvius: amigo. Ex.: "E aí, héuvius?".
humilhante: ônibus.

AMAZONAS
pampampam: suspense. Ex.: "Joelma fez o maior pampampam para dizer com quem ela saiu ontem".
pitche aua: quando se vê alguém interessante.



PARÁ
égua: funciona como "puxa!". Ex.: "Égua, estou com tanto sono!".
sacar(-se): viajar. Ex.: "Vou me sacar pra Manaus".

RIO GRANDE DO NORTE
capar o gato: ir embora.
gréa: bagunça.
tchão: coisa ou pessoa linda.

SANTA CATARINA
aleijado: garoto perfeito, sem nenhum defeito, maravilhoso.
bobódromo: lanchonete superlotada.
cata-jeca: ônibus.
soco: amasso. Ex.: "Papai me pegou no maior soco com o Alfredo".

MINAS GERAIS
chuff: namorado.
pirar na batatinha: não entender nada, estar distraído.





SÃO PAULO
animal: muito legal.
deixar quieto: deixar pra lá.
mó cara: muito tempo.

Fonte: *Azeviada*, julho 95.

36